
PROCEDIMENTOS DA LÓGICA ARGUMENTATIVA: UMA PRÁTICA DE LEITURA NO GÊNERO REPORTAGEM

ARGUMENTATIVE LOGIC PROCEDURES: A READING PRACTICE IN GENRE REPORTAGE

Jaqueline Salviano de Sousa

Graduanda em Letras-Português pela UFPI, pesquisadora da Iniciação Científica (PIBIC/UFPI) e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD/UFPI. E-mail: jaquelinesalviano2016@gmail.com

Ana Carolina Carneiro de Sousa

Graduanda em Letras-Português pela UFPI, pesquisadora da Iniciação Científica (ICV/UFPI) e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD/UFPI. E-mail: carolina201641@outlook.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar os procedimentos da lógica argumentativa no gênero reportagem, buscando evidenciar a construção de sentidos na prática leitora. A leitura, nessa perspectiva, é a base para a formação do sujeito, pois é através dela que se adquirem conhecimentos que auxiliam na compreensão e na interpretação de inúmeros textos. Trata-se de um trabalho bibliográfico de natureza qualitativa e interpretativa, cujo *corpus* foi composto por três reportagens publicadas nas edições 34, 37 e 38/2018, da revista *Revestrés*. Os fenômenos foram identificados, classificados e analisados culminando com a redação da pesquisa. O trabalho tem como base a Teoria Semiolinguística do linguista francês contemporâneo Patrick Charaudeau com ênfase no modo de organização argumentativo do discurso e nos pressupostos de Antunes (2003). Como resultados, verificamos nas três matérias que o sujeito que enuncia recorre, majoritariamente, aos modos de raciocínio dedutivo, de escolha alternativa e de escolha restritiva, a fim de assegurar as informações como verdadeiras para os leitores da revista, visto que a explicação e a associação foram usadas pelo sujeito enunciador apenas nas reportagens das edições 37 e 34, respectivamente. Concluímos que o gênero reportagem constitui-se num rico

PROCEDIMENTOS DA LÓGICA ARGUMENTATIVA: UMA PRÁTICA DE LEITURA NO GÊNERO REPORTAGEM

material para estudo em sala de aula, possibilitando, além do estudo das tipologias descritiva e narrativa, também a abordagem da argumentação.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Argumentação. Revista Revestrés. Leitura.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the procedures of argumentative logic in the genre report, seeking to evidence the construction of meanings in the reading practice. Reading, in this perspective, is the basis for the formation of the subject, because it is through it that one acquires knowledge that helps in the comprehension and interpretation of countless texts. This is a bibliographical work of a qualitative and interpretive nature, whose corpus was composed of three articles published in the editions 34, 37 and 38/2018, of the magazine Revestrés. The phenomena were identified, classified and analyzed culminating with the writing of the research. The work is based on the semiolinguistic theory of contemporary French linguist Patrick Charaudeau with emphasis on the argumentative organization mode of discourse and the Assumptions of Antunes (2003). As a result, we verified in the three subjects that the subject who is in charge of, mostly, the modes of deductive reasoning, alternative choice and restrictive choice, in order to ensure the information as true for the readers of the journal, Since the explanation and the association were used by the Enunciator subject only in the reports of editions 37 and 34, respectively. We conclude that the genre report constitutes a rich material for study in the classroom, allowing, besides the study of descriptive typologies and narrative, also the approach of argumentation.

KEYWORDS: Speech. Argumentation. Revestrés Magazine. Reading.

Introdução

É cabível ressaltar que a noção de discurso envolve questões históricas, sociais, políticas, religiosas, culturais e ideológicas, ou seja, o discurso abrange todo o contexto no qual está inserido o sujeito, influenciando no seu dizer. Nesta perspectiva, as publicações que fazem parte da mídia alternativa se caracterizam pela abordagem de temáticas, fatos e opiniões que dificilmente seriam contemplados nos grandes veículos comerciais. Dar voz a determinadas produções culturais, aspectos sociais, estabelecimentos, personagens desconhecidos é objetivo maior de uma grande quantidade de publicações que circulam em nosso meio. A revista Revestrés é uma delas. Tal postura, no entanto, não as exime de expressão de um caráter ideológico, uma vez que o mesmo é inerente à própria linguagem humana.

A presente pesquisa objetiva identificar os procedimentos da lógica argumentativa, evidenciando a construção dos mesmos no gênero reportagem, nos discursos da revista Revestrés, informativo da mídia cultural editado em Teresina-PI. Partindo desse pressuposto, a análise se desdobrará sob o modo de organização argumentativo do discurso, em que será analisada a seção reportagem da revista supracitada.

Trata-se de um trabalho interpretativo, cujo *corpus* foi composto por três reportagens de 2018, referentes às edições 34, 37 e 38, da revista supracitada. A escolha da seção reportagem justifica-se por ser o gênero mais recorrente na publicação apresentando uma forte característica argumentativa. Como suporte teórico para a análise, embasamo-nos, principalmente, na Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2016). Com relação aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa.

A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

A Semiologia é uma proposta teórica elaborada pelo linguista francês Patrick Charaudeau, em sua tese de doutorado, e publicada em 1983 na obra *Langage et Discours*. Trata-se de uma ramificação da Análise do Discurso Francesa, tendo como diferencial a consideração das intencionalidades e da natureza psicossocial da linguagem.

Os estudos sobre a Teoria Semiológica, doravante TS, ganharam corpo no Brasil através de pesquisadores da UFMG. Na UFPI, a teoria tem se destacado como uma das linhas de pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD, a partir de publicações tais como Moura (2012) e Moura *et al* (2015; 2016a; 2016b; 2016c; 2017 e 2018).

Com base na TS, Corrêa-Rosado (2014) afirma que os estudos do discurso levam em consideração a situação de enunciação a fim de ligar o que está sendo proferido com o contexto sócio-histórico, com os sujeitos da encenação, no intuito de obter o sentido, na troca comunicativa, considerando também as intencionalidades do sujeito argumentante. Com isso, o discurso envolve questões sociais, políticas, históricas, culturais, abarcando, também, a ideologia carregada pelo sujeito enunciador.

No âmbito da TS a noção de discurso pode ser compreendida de duas formas: como fenômeno da encenação do ato de linguagem e como conjunto de saberes partilhados que circulam entre indivíduos de um grupo social. Mais adiante explicitaremos melhor como essa teoria compreende o ato de linguagem.

Diante disso, a compreensão é estabelecida, na troca linguageira, a partir do conhecimento partilhado entre o locutor e o interlocutor. Tal movimento discursivo evidencia a necessidade primordial de consideração do contexto enunciativo para a compreensão de qualquer mensagem. Porém, mesmo estando em um mesmo grupo social e letrado, compartilhando de um mesmo saber, o interlocutor pode fazer uma interpretação diferente do esperado pelo locutor acerca de um determinado enunciado.

A Semiologia considera o ato de linguagem como produto de um contexto do qual participam um emissor e um receptor que, por serem pessoas diferentes, podem atribuir a uma expressão linguística diferentes interpretações, dando a elas sentidos não previstos (CORRÊA-ROSADO, 2014, p. 3).

Dizer, então, que uma mensagem proferida por um sujeito falante vai sempre ser interpretada como ele deseja, seria incorreto, pois isso depende de diversos fatores, dentre eles, os conhecimentos individuais dos sujeitos que fazem parte da realidade social dos mesmos, interferindo na interpretação dos dizeres. Dessa forma, todo sujeito tem capacidade de atribuir diversos sentidos a uma determinada proposição, pois a partir de sua bagagem cognitiva e de suas crenças atribui significação e se posiciona sobre o mundo.

Em vista disso, considera-se, para a compreensão de determinadas informações, o implícito, através do qual os envolvidos no ato da comunicação necessitam ter compartilhado um mesmo saber que, por sua vez, vai determinar o sentido do enunciado, a fim de que não haja problemas no diálogo.

Ressalta-se, ainda, a dupla dimensão do fenômeno linguageiro, constituído pela dimensão implícita e a dimensão explícita, conforme Charaudeau (2016). A dimensão explícita corresponde à simbolização referencial, tratando-se de paráfrases estruturais, acarretando em mudanças na estruturação de determinadas sentenças, mas com o mesmo conteúdo. Em sentenças como “pegue o guarda-chuva” e “abra o guarda-chuva”, há uma implicação parafrástica que apresenta

PROCEDIMENTOS DA LÓGICA ARGUMENTATIVA: UMA PRÁTICA DE LEITURA NO GÊNERO REPORTAGEM

uma exclusão, uma vez que não há uma simultaneidade de fala de tais frases, justamente porque as mesmas não podem ser ditas ao mesmo tempo, como “pegue o guarda-chuva porque abra o guarda-chuva”. O falante consegue perceber essa má construção de sentido a partir do seu conhecimento morfológico e semântico da língua.

Em contrapartida, a dimensão implícita refere-se à significação, a qual, diferentemente da dimensão implícita, apresenta uma concomitância na fala, uma vez que, quando o locutor profere a frase “pegue o guarda-chuva”, busca evidenciar também que vai chover, ou seja, contém a mesma instância de fala “pegue o guarda-chuva porque vai chover”. Desse modo, o interlocutor necessita considerar o contexto da enunciação, assim como a intenção do sujeito falante, a fim de entender que pegar o guarda-chuva não significa somente o ato de pegar determinado objeto, mas considerar a informação não dita, que é a probabilidade de chover.

Nesse sentido, é importante destacar que

A finalidade do ato de linguagem (tanto para o sujeito enunciador quanto para o sujeito interpretante) não deve ser buscada apenas em sua configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem (CHARAUDEAU, 2016, p. 24).

O ato de linguagem corresponde, dessa forma, a uma relação entre os atores da encenação e dos mesmos com a circunstância do discurso, valendo salientar que o sentido é compreendido a partir do dito pelo sujeito falante e do não dito, como, por exemplo, na frase “Estou cansada, estudei muito hoje”. Caso seja proferida em um contexto de pessoas que estão combinando para sair, pode apontar para um possível “não” como resposta. Para tanto, significa dizer que o sujeito interpretante, para compreender os enunciados implícitos, necessita ter um conhecimento prévio a respeito de como uma pessoa utiliza determinados recursos discursivos nos atos de fala para dizer o que realmente deseja.

Assim, o ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação resultante da simples produção de uma mensagem que um Emissor envia a um Receptor. Tal ato deve ser visto como um encontro dialético (encontro esse que fundamenta a atividade metalinguística e elucidação dos sujeitos da linguagem) entre dois processos (CHARAUDEAU, 2016, p. 44).

Podemos compreender esses dois processos como sendo o processo de produção e o processo de interpretação. No primeiro, o EU, sujeito que produz o ato de linguagem, dirige-se ao TU-destinatário, que é o interlocutor construído pelo EU, isto é, o EU, ao proferir algo, já tem em mente o sujeito idealizado para o qual a enunciação se destina. Já no processo de interpretação, o TU-interpretante cria uma imagem do EU, a fim de descobrir as reais intenções do mesmo. Cabe distinguir o TU-destinatário (TU_d) do TU-interpretante (TU_i), uma vez que o último trata de fazer sua própria interpretação da imagem do EU, enquanto o TU_d corresponde ao interlocutor adequado para o ato de linguagem, já esperado pelo EU, conforme Charaudeau (2016).

Nessa perspectiva, é relevante destacar as noções de contrato comunicacional e de estratégias discursivas, uma vez que ambas fazem parte da natureza do discurso. Sobre isso, leiamos o excerto abaixo.

O contrato comunicacional constitui-se como um dos saberes partilhados pelos protagonistas do dizer (fazendo parte, portanto, das Circunstâncias do Discurso), visto que toda troca verbal está calcada em um contrato que, na forma de um saber, é partilhado pelos membros de uma comunidade social (CORRÊA-ROSADO, 2014, p. 13).

O contrato de comunicação estabelece um saber partilhado por ambos os sujeitos no ato linguageiro, para que a mensagem seja efetivada sem problemas na compreensão do sentido. É como se cada sujeito se comprometesse a desempenhar determinado papel dentro do ato de linguagem a fim de que o mesmo obedeça aos preceitos exigidos pela situação enunciativa. Além disso, para Charaudeau (2016), o sujeito comunicante também utiliza de estratégias discursivas com fins persuasivos, a fim de atingir o sujeito interpretante, mobilizando, para isso, um enunciador e projetando um destinatário ideal. Nessa perspectiva, o sujeito comunicante e o sujeito interpretante estão implicados em uma relação contratual, conforme Charaudeau (2001).

Por fim, a TS apresenta os modos de organização do discurso, sendo eles: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Tais modos buscam constituir “os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante” (CHARAUDEAU, 2016, p. 68). Com isso, cada modo constitui uma finalidade comunicativa, sendo ela enunciar, descrever, contar/narrar e argumentar, respectivamente.

Para efeito de realização deste trabalho, tendo em vista o caráter argumentativo presente no corpus composto por matérias da revista *Revestrés*, daremos ênfase ao modo de organização argumentativo, que será melhor detalhado no item a seguir.

O MODO DE ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVO DO DISCURSO

Tendo em vista os pressupostos da Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2016), busca-se compreender a questão dos modos de organização do discurso, mais especificamente o argumentativo. O modo de organização argumentativo considera os encadeamentos lógicos presentes nos enunciados, em que a argumentação concerne, dessa forma, a uma relação de causalidade. Além disso, apresenta informações implícitas, cuja compreensão o interlocutor precisa ligar às premissas com o seu conhecimento prévio, para concluir a informação ausente por trás do enunciado. Dessa forma, cabe dizer que

A argumentação, portanto, está direcionada à parte do interlocutor que demonstra raciocínio, ou seja, capacidade para refletir e compreender, ainda que seja para chegar ao mesmo resultado. O sujeito que argumenta necessita expressar uma convicção e uma explicação de tal maneira que seja capaz de influenciar o interlocutor com força para persuadi-lo a ponto de ser capaz de modificar seu comportamento (MOURA, 2012, p. 44-45).

O modo argumentativo estabelece teses de uma determinada proposta sobre o mundo e, com isso, procura elucidar tal proposta, apresentando, assim, as explicações da mesma. Dessa maneira, no modo de organização argumentativo, o argumento é construído através de proposições que orientam os questionamentos para um valor de verdade.

A partir disso, constituem-se dois tipos de razão, são elas a razão demonstrativa e a razão persuasiva. A razão demonstrativa, segundo Charaudeau (2016), procura estipular nas asserções as relações de causa, por meio dos componentes e procedimentos que constituem a lógica.

Os componentes abarcam as relações assertivas, as articulações lógicas das sentenças, a validação dos enunciados, que contribuem para a construção da argumentação do sujeito falante. Tais componentes visam organizar, nas relações argumentativas, as ideias a partir do uso dos encadeamentos lógicos, para que o raciocínio seja considerado válido. Dessa forma, o uso das asserções nos argumentos consiste em atribuir a questão da autenticidade e da credibilidade

PROCEDIMENTOS DA LÓGICA ARGUMENTATIVA: UMA PRÁTICA DE LEITURA NO GÊNERO REPORTAGEM

ao que está sendo enunciado, assim como os conectores argumentativos que colaboram para o valor explicativo.

Os procedimentos da lógica têm em vista os modos de raciocínio, como as deduções, a explicação, a associação, a escolha alternativa e a concessão restritiva. Cabe destacar que “esses modos de raciocínio se inscrevem numa determinada encenação argumentativa e se combinam com os componentes dessa encenação” (CHARAUDEAU, 2016, p. 213), ou seja, os procedimentos da lógica, que englobam os modos de raciocínio supracitados, destinam-se de organizar os componentes da lógica, como também sua combinação, com o objetivo de construir um argumento que estabeleça uma validação.

Por outro lado, tem-se a encenação argumentativa, que abrange também os componentes e os procedimentos. Os componentes da encenação argumentativa compreendem o dispositivo argumentativo, os tipos de configuração e as posições do sujeito. O dispositivo argumentativo, em determinada argumentação, caracteriza-se pela presença da proposta, da proposição e da persuasão, em que o sujeito que enuncia, com o uso das assertivas, busca colocar suas percepções, a partir da tomada ou não de posição.

Diante da tomada ou não de posição de um jornalista de uma reportagem, por exemplo, Charaudeau (2018) comenta que para a construção de sentido de um determinado discurso, é impossível desvincular o conteúdo da matéria com a opinião particular do autor da reportagem, uma vez que se apresenta nos argumentos uma implicação de tomada de posição, o que se espera a imparcialidade presente nos discursos, porém não é isso que é adotado.

No entanto, os componentes argumentativos consideram também a questão da configuração do argumento, tratando-se de uma troca linguageira através do diálogo ou do texto, isto é, dialogal ou monologal, respectivamente, o que, além disso, contém contratos de fala a fim de fornecer meios para uma possível interpretação, conforme Charaudeau (2016).

Já os procedimentos da encenação argumentativa são de três tipos, os procedimentos semânticos, os discursivos e os de composição. Segundo Charaudeau (2016), os procedimentos semânticos dizem respeito aos valores argumentativos, relativo às questões sociais, enquanto os discursivos referem-se às estratégias linguísticas que produzem efeitos de sentido persuasivos na argumentação.

Os procedimentos de composição concernem às etapas de raciocínio na construção de um texto, seja ele oral ou escrito. Em vista disso, a encenação trata, na situação de comunicação, de construir um sentido considerando o discurso do locutor e a sua intenção e a imagem feita do interlocutor, isto é, as conjunturas sociais e os atores da encenação.

Nesse sentido, é importância ressaltar o papel da leitura na construção de sentido presente nos discursos, em que “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidos pelo autor.” (ANTUNES, p. 66, 2003). Dessa forma, a interpretação relaciona-se o sujeito leitor com o autor do texto, para que os leitores possam reconhecer as intencionalidades deste.

Portanto, cabe dizer que a argumentação, trata de um sujeito argumentante que busca, na comunicação verbal, persuadir o sujeito-alvo através de argumentos de verdade, uma vez que, na interação, ambos conduzem argumentos para que o outro possa aceitar seu ponto de vista, sua opinião acerca de algo sobre o mundo. Com isso, o sujeito que argumenta não deve apenas estabelecer uma ideia sobre um determinado fenômeno do mundo, mas também elaborar argumentos que provem sua autenticidade, a fim de mudar o comportamento e/ou o pensamento do interlocutor.

A REVISTA REVESTRÉS E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS DE DISCURSO

A revista *Revestrés* foi fundada em 2011, tendo como responsáveis o jornalista André Gonçalves e o professor Wellington Soares, figuras bastante conhecidas no Piauí pela militância social e cultural que exercem. A *Revestrés* lida com questões que se relacionam com a Literatura, com a Arte e com a cultura local de Teresina, às vezes, expandindo o seu olhar para o estado do Piauí. Apresenta temáticas voltadas para a valorização dos aspectos culturais e artísticos, propondo um olhar diferenciado, como, por exemplo, enaltecendo ativistas políticos, músicos, escritores e demais artistas locais.

A revista possui uma periodicidade bimestral, resultando na publicação de seis edições por ano. Vale ressaltar, no entanto, que, durante o ano de 2018, período que corresponde ao recorte temporal do nosso *corpus*, só foram publicadas cinco edições referentes aos meses: janeiro/fevereiro; março/abril; maio/junho; agosto/setembro e novembro/dezembro.

Os leitores podem obter a revista através da assinatura anual da mesma, como também por e-mail ou até mesmo acessar o site da *Revestrés*, no qual grande parte do seu conteúdo está disponibilizado de forma gratuita. No site, o leitor tem espaço para fazer comentários acerca da revista, enviar sugestões, críticas ou elogios. A publicação também mantém perfis em plataformas digitais como Facebook, Twitter e Instagram, em cujos espaços o público-leitor pode interagir com a mesma, sugerir pautas etc.

A LÓGICA ARGUMENTATIVA

Na revista *Revestrés* serão analisadas três reportagens referentes às edições 34, 37 e 38/2018. As reportagens apresentam os seguintes títulos, respectivamente: “*Me too*: como as mulheres são representadas (ou não) no jornalismo?”; “A musa esquecida: *Revestrés* percorreu a cidade antiga para (re)descobrir suas referências”; “A vida sob atos: na contramão da produção hegemônica, artistas de teatro trilham caminho de luta e reinvenção”. A primeira reportagem, da edição 34, tem como responsável a jornalista Samária Andrade, enquanto as outras duas, das edições 37 e 38, são de autoria da Aldenora Cavalcante. Com base nesses textos, busca-se analisar os procedimentos da lógica, a partir da Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2016).

OS PROCEDIMENTOS DA LÓGICA ARGUMENTATIVA

Partindo para os procedimentos da lógica argumentativa, é cabido ressaltar os modos de raciocínio, são eles: a *dedução*, a *explicação*, a *associação*, a *escolha alternativa* e a *concessão restritiva*.

a) A dedução

É possível notar o raciocínio dedutivo nas reportagens das edições 37 e 38, em que foi encontrada a dedução pragmática e condicional, respectivamente. Percebe-se tal dedução nos seguintes trechos das respectivas edições:

“E, então, em 16 de agosto de 1852, surgiu Teresina, a primeira capital planejada do país” (CAVALCANTE, 2018, p. 37).

“O diretor avalia que saber o que se quer comunicar e qual o objetivo da arte cênica são pontos que, **se** não estiverem alinhados, não permitem avanços na intenção teatral” (CAVALCANTE, 2018, p. 37, grifo nosso).

PROCEDIMENTOS DA LÓGICA ARGUMENTATIVA: UMA PRÁTICA DE LEITURA NO GÊNERO REPORTAGEM

Percebe-se que na primeira sentença a consequência fica em evidência, ao fazer uso do modo de encadeamento “então”, uma vez que a dedução pragmática considera os conectores que indicam uma consequência. Determinadas transformações ocorridas na cidade de Teresina levam ao seu surgimento projetado e arquitetado, ou seja, ter surgido Teresina como a primeira capital planejada do país significa uma consequência de vários fatores associadas às ações ao longo do tempo. Essa dedução pragmática, colocada a partir de uma consequência, é construída com o objetivo de valorizar essa preparação feita para a capital.

No fragmento referente à edição 38, verifica-se o uso da dedução condicional para compor a argumentação, o que coloca essa condição em destaque para o leitor. O trecho trata de dois pontos que necessitam ter um equilíbrio para que se tenham avanços na intenção teatral, são eles o que comunicar e o objetivo da arte cênica. Com isso, o sujeito enunciador utiliza do conector do modo de encadeamento de consequência, a fim de exprimir uma condição, ou seja, a dedução condicional presente é que para ter avanços na intenção teatral necessita que os dois elementos supracitados estejam alinhados. Isso implica em enfatizar a informação como um dado fundamental da realidade dos artistas.

b) A explicação

É possível observar que o modo de raciocínio por explicação foi identificado apenas na reportagem da edição 37:

“Elas se manifestam para além do nosso trajeto diário, numa relação silenciosa e sensitiva. Porque todo dia, quando saímos da nossa casa, construímos uma cidade diferente” (CAVALCANTE, 2018, p. 43).

Tal excerto trata da relação do sujeito enunciador e do leitor com a cidade, relação esta que se dá através da percepção do mesmo e pelas vivências de ambos os sujeitos no ambiente da cidade. Diante disso, verifica-se a utilização do raciocínio de explicação pragmática devido à relação causal presente no trecho, o que, além de conter o modo de encadeamento “porque”, apresenta a causalidade temporal. Essa causa que exprime tempo pode ser observada na seguinte assertiva do trecho “Porque todo dia, quando saímos da nossa casa, construímos uma cidade diferente”. Em vista disso, a expressão “Elas se manifestam para além do nosso trajeto diário, numa relação silenciosa e sensitiva” leva a considerar como uma consequência para a assertiva anterior, uma vez que justifica o uso de “todo dia”, como cotidiano, o trajeto diário.

c) A associação

Quanto à associação, dentre as reportagens já citadas, apenas na da edição 34 foi identificado tal modo de raciocínio:

“Quando mais é menos” (ANDRADE, 2018, p. 41).

O fragmento acima corresponde ao título do segundo tópico da reportagem da edição 34, que concerne à questão da quantidade de mulheres que trabalham na esfera jornalística, que constituem a maioria no âmbito de trabalho, porém recebe um valor inferior ao homem, retratado no vocábulo “menos”. Nota-se que a associação é constituída a partir da ideia dos contrários, a fim de destacar essa contrariedade de mais e menos. Tendo em vista que é uma expressão

correspondente ao título de um dos tópicos, esse trocadilho de quando mais é menos significa uma tentativa de chamar a atenção do leitor, “cuja finalidade estratégica é mais a sedução do que a persuasão” (CHARAUDEAU, 2016, p. 216).

d) A escolha alternativa

A escolha alternativa foi identificada na reportagem da edição 34, tratando-se de uma simples incompatibilidade que “coloca em oposição duas relações argumentativas” (CHARAUDEAU, 2016, p. 217):

“A naturalização de práticas diminui ou retira a visibilidade das desigualdades e formas de opressão” (ANDRADE, 2018, p. 43).

Observa-se que, na passagem acima, o sujeito apresenta duas escolhas acerca da naturalização das hierarquias no âmbito de trabalho: a primeira afirma que pode ocorrer a diminuição da visibilidade dada às desigualdades salariais e opressões; a segunda assegura que essa naturalização pode resultar em uma retirada total da visibilidade já existente dessas práticas desiguais. Essa escolha referente a uma simples incompatibilidade significa que, se for uma diminuição, apresenta ainda evidência dos resquícios da desigualdade. Já a retirada condiz com uma remoção da visibilidade, passando a não ter mais. O sujeito, ao construir tal argumento da escolha alternativa, busca enfatizar o risco presente nessa naturalização, podendo se agravar ainda mais.

Verificou-se, ainda, que a matéria da edição 37 não apresenta, na argumentação, a escolha alternativa; já na edição 38, é possível notar o raciocínio referente à escolha entre positivo/negativo:

“Quando não consegue recursos através das leis de incentivo, apoios governamentais ou privados, o próprio grupo se produz **ou** realiza campanhas de arrecadação com os amigos” (CAVALCANTE, 2018, p. 36, grifo nosso).

A passagem acima aborda a questão das dificuldades financeiras que artistas autônomos enfrentam e necessitam de apoios para que possam financiar os espetáculos. As escolhas apresentadas são colocadas através das possibilidades que os grupos artísticos têm de obter recursos quando não conseguem pelas leis de incentivo. A primeira forma é o próprio grupo se financiar, utilizar do próprio dinheiro a fim de sustentar os custos das apresentações, significando, assim, como a escolha negativa, ao passo que a escolha positiva corresponde à realização de campanhas para conseguir recursos, uma vez que não seria preciso retirar do dinheiro do grupo.

e) A escolha restritiva

O último modo de raciocínio, a concessão restritiva, “se inscreve num raciocínio dedutivo. Consiste em aceitar A1, em colocá-la como verdadeira (fazer uma concessão), e, ao mesmo tempo, retificar a relação argumentativa” (CHARAUDEAU, 2016, p. 218). Observou-se o uso da concessão restritiva nas reportagens das edições 34 e 38.

Na reportagem da edição 34, verifica-se a concessão restritiva no excerto abaixo, em que trata da reafirmação do número de mulheres do meio jornalístico, sendo maior que o número de homens. Diante disso, a concessão é usada para apresentar uma informação nova a partir da anterior, como forma de corrigir o que já foi dito. A segunda informação, relativa à assertiva “Mas têm mais dificuldade de ascender aos postos de comando e recebem salários menores

PROCEDIMENTOS DA LÓGICA ARGUMENTATIVA: UMA PRÁTICA DE LEITURA NO GÊNERO REPORTAGEM

que os seus colegas homens”, busca explicar mais sobre o comunicado anterior, que se refere à assertiva “as mulheres são de fato a maioria nas redações: 64%”. Essa ideia é atribuída ao uso do conector “mas”, que liga as orações e estabelece a concessão das ideias, construindo uma relação argumentativa válida, a fim de advertir os leitores acerca do conteúdo, pois se considera a preocupação do sujeito enunciador em explicar uma determinada notícia.

*“[...] as mulheres são de fato a maioria nas redações: 64%. **Mas** têm mais dificuldade de ascender aos postos de comando e recebem salários menores que os seus colegas homens [...]” (ANDRADE, 2018, p. 41, grifo nosso).*

Percebe-se que a mesma estratégia discursiva ocorre na passagem seguinte, correspondente à reportagem da edição 38, em que se apresenta a utilização também do conector “mas”, com o propósito de estabelecer uma concessão restritiva. O sujeito, ao abordar a respeito dos empecilhos pelos quais os artistas autônomos passam, constrói a argumentação com uma ideia reorganizada a partir da informação da primeira assertiva, tratando, então, de informar que os profissionais autônomos precisam se reafirmar mesmo perante as dificuldades, entretanto, o sujeito enunciador revê o que foi dito e comenta que esta não é uma situação atual, ou seja, o sujeito busca denunciar aos leitores da *Revestrés* as circunstâncias vividas desde muito tempo pelos artistas.

*“Profissionais lutam para se reafirmar num contexto em que falta investimento, espaços e há pouco incentivo. **Mas** este não é um cenário recente” (CAVALCANTE, 2018, p. 32, grifo nosso).*

A identificação dos modos de raciocínio nas reportagens revela a necessidade de se estabelecer, na relação argumentativa, encadeamentos lógicos. Diante disso, vale salientar que a dedução, a escolha alternativa e a concessão restritiva foram os modos de raciocínio mais recorrentes nas matérias, o que vale destacar que tais modos são baseados em raciocínios dedutivos.

Portanto, verifica-se na construção da argumentação da *Revestrés* a presença da lógica argumentativa, tendo em vista que seus componentes e procedimentos são recorrentes nas três matérias analisadas. Nisso, a revista *Revestrés* se apropria de estratégias discursivas a fim de provar as informações contidas na própria revista e tais estratégias ocorrem não só através de articulações lógicas, como também por meio das inferências do leitor, de forma que o público-alvo aceite os fatos como verídicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises, percebemos que os discursos da revista *Revestrés* apresentam aspectos argumentativos que buscam passar uma informação verídica, construindo, a partir do que é comunicado, a imagem da própria revista, a fim de que o leitor veja a legitimação do que é informado. Para tanto, a *Revestrés* faz uso de procedimentos da lógica argumentativa para produzir um efeito de credibilidade na notícia.

Os resultados de nossas análises, com relação aos procedimentos, demonstram que são estabelecidos de acordo com a finalidade. Para tanto, verificamos nas três matérias que o sujeito que enuncia recorre, majoritariamente, aos modos de raciocínio dedutivo, de escolha alternativa e de escolha restritiva, a fim de assegurar as informações como verdadeiras para os leitores da revista, visto que a explicação e a associação foram usadas pelo sujeito enunciador apenas nas reportagens das edições 37 e 34, respectivamente. Concluímos que a revista *Revestrés* apresenta

um jornalismo cultural direcionado a uma parcela da sociedade com maior escolaridade, contendo um forte apelo argumentativo na defesa do patrimônio cultural do Piauí.

Tendo em vista que o trabalho se envereda no modo de organização argumentativo do discurso, pode-se ressaltar a necessidade da realização de pesquisas futuras para os demais modos de organização do discurso, como o enunciativo, o descritivo e o narrativo. Além disso, em uma análise posterior, pode-se também aplicar o modo argumentativo em outro *corpus* relacionado à revista *Revestrés* ou outra publicação no mesmo estilo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação** – São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (Série Aula; 1).

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. [coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado]. – 2. ed., 3ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Langage et Discours**. Paris: Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos. In: **Revista memento**, V. 5, n.2, julho-dezembro de 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826> Acesso em 20 jan. 2019.

LOPES, Maraisa; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; MOURA, João Benvindo de. (Org.). **Linguagem, discurso e produção de sentidos**. São Paulo: Pá de palavra, 2018.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte, do estado do Piauí: a construção de imagens e as emoções suscetíveis através da argumentação**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte – MG, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-974H6D>. Acesso em 20 jan. 2019.

MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (Org.). **Discurso, memória e inclusão social**. Recife: Pipa Comunicação, 2015.

MOURA, João Benvindo de; LIMA, Francisco Renato; BORGES, Vanessa Raquel Soares. O jogo de imagens na constituição dos sujeitos discursivos: uma abordagem ideológica e sociopolítica em cartuns. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 6, p. 250-268, 2016a. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19946572-O-jogo-de-imagens-na-constituicao-dos-sujeitos-discursivos-uma-abordagem-ideologica-e-sociopolitica-em-cartuns.html> Acesso em 15.05.2019.

MOURA, João Benvindo de; CARVALHO, André de Moura. O jornal na sala de aula: discursos que constroem e destroem imagens na imprensa piauiense. **Revista Form@re**, v. 4, p. 3-28,

**PROCEDIMENTOS DA LÓGICA ARGUMENTATIVA:
UMA PRÁTICA DE LEITURA NO GÊNERO REPORTAGEM**

2016b. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/5617> Acesso em 15.02.2019.

MOURA, João Benvindo de; MAGALHAES, Jonnia Maria Aguiar; VIEIRA, José Magno de Sousa. Os EU(s) e seus outros: os sujeitos da linguagem estabelecidos na interligação semiolinguística EUc/TUi no filme *Bicho de sete cabeças*. **Percursos Linguísticos**, v. 6, p. 37-50, 2016c. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/13690> Acesso em 15.02.2019.

MOURA, João Benvindo de.; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Marais (Org.). **Sentidos em disputa**: discursos em funcionamento. Teresina: EDUFPI, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11V18xIYEwS3LV3UnpkbjQj5xsuXK0zYf/view> Acesso em 15.02.2019.

ANDRADE, Samária. **Me Too**: como as mulheres são representadas (ou não) no jornalismo? *Revestrés quer saber e faz autocrítica*. In: revista *Revestrés*, p. 38-43, ed. 34, 2018. Disponível em < <http://www.revistarevestres.com.br/reportagem/me-too/> >. Acesso em 15.02.2019.

CAVALCANTE, Aldenora. **A musa esquecida**: *Revestrés* percorreu a cidade antiga para (re) descobrir suas referências. In: revista *Revestrés*, p. 36-44, ed. 37, 2018. Disponível em < <http://www.revistarevestres.com.br/reportagem/a-musa-esquecida/> >. Acesso em 15.02.2019.

CAVALCANTE, Aldenora. **A vida sob atos**: na contramão da produção hegemônica, artistas de teatro trilham caminho de luta e reinvenção. In: revista *Revestrés*, p. 32-39, ed. 38, 2018. Disponível em < <http://www.revistarevestres.com.br/reportagem/vida-sob-atos/> >. Acesso em 15.02.2019.